

Camadas médias, projetos e trajetórias: da diplomacia no Brasil Central à internacionalização chinesa⁷

CRISTINA PATRIOTA DE MOURA (UNB)

7 Uma primeira versão deste capítulo foi apresentada no seminário Trajetórias Antropológicas: reflexões sobre a obra de Gilberto Velho, realizado na Universidade de Brasília, em 22 de maio de 2014.

Este capítulo é um diálogo com a memória de Gilberto Velho. Início o texto com a retomada de uma unidade de análise que perpassa a obra do antropólogo: trata-se do estudo das camadas médias urbanas. Partindo desse tema/sujeito e de seus desdobramentos na obra do autor, examino como o mesmo elabora alguns conceitos em seus escritos e a influência que sua abordagem tem em diferentes momentos do meu próprio trabalho. Os conceitos de *projeto* e *trajetória* são fios condutores para refletir sobre temáticas com as quais tenho desenvolvido pesquisas ao longo dos anos. Desde minha primeira pesquisa antropológica até o atual projeto de pós-doutorado, interessado em transformações na China contemporânea, a interlocução com a obra de Gilberto Velho é

uma constante. Tal constante, permeada por múltiplos outros vetores, permite pensar a enorme contribuição da obra de Gilberto Velho e múltiplas possibilidades de desdobramentos para além das pesquisas realizadas por ambos os antropólogos que aqui se relacionam.

CAMADAS MÉDIAS URBANAS E A METRÓPOLE-ALDEIA DO ANTROPÓLOGO

Gilberto Velho instituiu, na Antropologia brasileira, o estudo das chamadas “camadas médias urbanas” como campo específico de estudo, principalmente a partir de uma série de estudos etnográficos que tiveram o bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, como ponto de partida. Em seus escritos, começando com *A utopia urbana* (VELHO, 1973), mas também em diversos trabalhos posteriores, vemos a preocupação em dar conta da heterogeneidade de estilos de vida e visões de mundo em segmentos sociais localizados, em termos de moradia, em localidades consideradas como ambientes “modernizantes” na sociedade brasileira. Em artigo publicado em 1987, em seu livro *Individualismo e cultura*, Velho explica:

No meu caso, estou interessado em situar o conceito de cultura ao nível da experiência particular de setores das camadas médias brasileiras. O problema básico que

acompanha toda a minha discussão é o das *fronteiras culturais* entre grupos de indivíduos que, segundo critérios socioeconômicos comumente usados em ciências sociais, pertenceriam à mesma categoria. Tanto quando realizei pesquisa com camada média baixa tipo *white collar* (VELHO, 1973), como camada média alta nos limites de uma burguesia (VELHO, 1975), deparei com o fato de constantemente encontrar indivíduos ou famílias que, sob critérios socioeconômicos descritivos tipo renda, ocupação, educação etc., seriam incluídos na mesma categoria, mas que apresentavam fortes diferenças em termos de *ethos* e visão de mundo. Sem dúvida uma explicação ou um caminho é buscar na *trajetória*, e não apenas na posição do indivíduo, família ou grupo, a explicação ou base para seus comportamentos, preferências, aspirações. Nesse sentido, a diferença entre condição e posição de classe feita por Bourdieu é fundamental (BOURDIEU, 1974). É importante, no entanto, não só estar atento para o sentido da trajetória, seu ritmo, direção e daí extrair consequências, mas também procurar perceber a própria trajetória enquanto expressão de um *projeto*. Ou seja, a trajetória tem um poder explicativo mas deve ser dimensionada e relativizada com a tentativa de perceber o que possibilitou essa trajetória particular e não outra (VELHO, 1987, p. 106).

Foram diversos os temas por meio dos quais Velho procurou compreender a diversidade das camadas médias: relações afetivas, de parentesco, amizade, escolhas

de moradia, consumo de bens, gostos artísticos, práticas psicanalíticas, uso de tóxicos e experiências geracionais são alguns dos temas que aparecem em seus escritos e nos de seus orientandos⁸.

Como ele mesmo diz, sua primeira aproximação teórica ao universo das camadas médias foi por meio do conceito *white collar*, de Wright Mills (1951). Apesar de utilizar a denominação para se referir aos profissionais liberais e funcionários públicos moradores dos edifícios de conjugados de Copacabana, Velho já a utiliza com ressalvas, com críticas à caracterização feita por Mills para a nova classe média dos Estados Unidos, que seria desprovida de mentalidade própria e dominada pelos meios de comunicação de massa. Sem se apropriar ainda do diálogo com a fenomenologia de Schutz, o interacionismo de Becker e Goffman ou mesmo a noção mais culturalista de *ethos* proposta por Bateson e Geertz, Velho propõe pensar em *unidades ideológicas* para pensar as motivações dos novos moradores de Copacabana⁹. Constatando que morar em Copacabana se tornara, por si mesmo, um indicador de status e prestígio, Velho discute então a complexidade das estratificações sociais, que não se

8 Para uma boa revisão bibliográfica do tema das “camadas médias” ver o artigo de Salem (1986), Vianna; Kuschnir; Castro (2013), O’Donnel (2013) e o próprio Velho (2011).

9 Cf. O’Donnel (2013) e Velho (2011).

dão somente por renda ou situação profissional, mas que se configuram em estilos de vida, noções de status e, no caso em questão, escolha de local de moradia. Mais que isso, partindo de uma perspectiva antropológica, Velho procura encontrar o *ponto de vista nativo* e entender os novos copacabanenses em seus próprios termos, evitando compreender suas motivações por meio de conceitos como *alienação*.

Já nas páginas finais de *A utopia urbana* (1973), Velho chama a atenção para a necessidade do diálogo interdisciplinar e aponta para a psicologia como uma possível interlocutora. É o prenúncio, em larga medida, de seus estudos sobre subjetividade. Sua tese de doutorado, *Nobres e anjos*, defendida em 1975, mas publicada somente em 1998, bem como os livros *Individualismo e cultura* (1981), *Subjetividade e sociedade* (1986) e, posteriormente, *Projeto e metamorfose* (1994), continuam o investimento etnográfico no universo das camadas médias da Zona Sul do Rio de Janeiro. Se, no caso de grande parte dos moradores de conjugados, ser “classe média” era uma conquista cuja prova era viver em Copacabana, para alguns dos “nobres” participantes da “rede intelectual-artístico-boêmia” sobre os quais escreveu sua tese de doutorado, ser “classe média” significava ser medíocre, pouco sofisticado. O “estudo de tóxicos e hierarquia” feito por Gilberto Velho para sua tese de doutorado, além

de trazer relatos etnográficos intimistas de um universo do qual participava também como “nativo”, se debruça sobre a questão das hierarquias em termos de status e prestígio e das fronteiras simbólicas que separam segmentos de camadas médias por meio de gostos artísticos, hábitos de consumo, visões de mundo e estilos de vida. Entre os nobres e os anjos há importantes diferenças em termos de valores e formas de sociabilidade, ambas incluindo o uso de tóxicos, mas com significados muito diferentes.

A insistência de Gilberto em utilizar o termo “camadas médias urbanas” ao invés de um conceito fixo de “classe média” se deve, por um lado, a uma recusa em tratar esse segmento heterogêneo como uma massa de manobra alienada e sem iniciativa, entre as elites (capitalistas) dominantes e uma classe trabalhadora genérica. Concordando com Weber e, até certo ponto, com algumas análises de Bourdieu e Louis Dumont¹⁰, Velho valorizava a diferença entre posição na estrutura produtiva (classe) e a formação de grupos de status cujos hábitos de consumo e estilos de vida demarcam distinções e hierarquias.

Nunca é demais insistir na ênfase dada às trajetórias individuais e aos projetos na obra de Gilberto Velho. Ele

10 Obras de grande influência foram entre outras, Weber (1972), Bourdieu (1974) e Dumont (1985).

instituiu o estudo específico das “camadas médias” e seus “mundos” como linha de pesquisa legítima na Antropologia brasileira, a partir de grupos de pesquisa formados com diferentes gerações de orientandos no Museu Nacional¹¹. A amplitude de temas e referências teóricas contrasta com a restrição geográfica de suas etnografias. Pode-se dizer que, com a exceção de uma breve incursão no mundo de alguns imigrantes portugueses nos EUA, os trabalhos de campo realizados foram todos em um raio de poucas centenas de metros de suas residências em Copacabana, Gávea e Ipanema¹². Sua aldeia era a Zona Sul do Rio do Janeiro, sendo essa uma categoria de grande carga simbólica em seu próprio mapa de orientação.

Mas Gilberto não estudou aldeias. Apesar da pouca mobilidade geográfica envolvida em seus trabalhos de campo, a densidade e a heterogeneidade da cidade em acelerados processos de transformação chamaram a atenção de Gilberto para a “complexidade”. A observação refinada e o diálogo em profundidade com interlocutores cujas trajetórias se configuravam por mudanças de residência entre diferentes bairros do Rio de Janeiro, regiões do Brasil e países no “exterior”, permitiram que o antropólogo identificasse múltiplas *redes e níveis de*

11 Cf. Salem (1986), Vianna; Kuschmir; Castro (2013) e Duarte (2012).

12 Três bairros da Zona Sul onde residuiu.

realidade que se entrecruzavam e configuravam *mundos* de interação social e *províncias de significado* habitadas por subjetividades *multiplex*¹³.

Apesar de reconhecer a existência de hierarquias e a importância de pertencimento a grupos e redes mais ou menos formalizadas em termos de parentesco, política, religião e lazer, Velho enfatiza os vetores individualizantes que se acentuam de forma heterogênea justamente nos segmentos de camadas médias por ele pesquisados. A adesão a práticas vinculadas à psicanálise, por exemplo, é uma dimensão que se agrega à construção de subjetividade por parte dos interlocutores de Velho em *Nobres e anjos* e *Subjetividade e sociedade*. Trata-se de uma valorização da interioridade psíquica que se associa à experimentação por meio de expressões artísticas e usos de drogas, por exemplo.

13 As discussões de Gluckman sobre papéis *multiplex* interessavam a Velho, bem como a questão da segmentação de papéis proposta por Park e Wirth e retomada nos trabalhos da Escola de Manchester. Não obstante, Velho não aderiu inteiramente à classificação dicotômica que opunha o simples ao complexo (VELHO, 1994). Ressaltou a complexidade do urbano, enfatizando a existência de segmentos com projetos homogeneizantes também no contexto urbano. Para uma discussão sobre a relação entre pesquisadores de Chicago e Manchester, ver também Hannerz (1980).

Mas a preocupação com a subjetividade vai além da constatação etnográfica descritiva. Velho inclui a dimensão subjetiva em suas próprias construções teóricas, em diálogo com a noção sartreana de *projeto*. Não se trata somente de apontar para a valorização do indivíduo entre os membros das camadas médias urbanas. É importante pensar nos tipos de individualismo operantes e também nas experiências de trânsito entre os diferentes mundos que se configuram na heterogeneidade das sociedades complexas moderno-contemporâneas. Assim, Velho combina o diálogo em torno das ideias de Louis Dumont, já apropriado por Roberto DaMatta e Luis Tarlei de Aragão, com as reflexões de Georg Simmel, Jean Paul Sartre, Alfred Schutz, Erving Goffman, Howard Becker e Pierre Bourdieu (VELHO, 1987; 1994; 2011).

É nessa interseção entre as configurações sociais (incluindo as reflexões sobre redes elaboradas no âmbito da Escola de Manchester) e movimentos individuais ou, em seus termos, a partir da “problemática indivíduo-sociedade” que Velho propõe instrumentos teórico-metodológicos importantes que permitem pensar processos encontrados nas grandes cidades, mas também possibilidades de constituição do próprio estado nacional, de uma particularidade brasileira. *Trajetórias e projetos*, portanto, são categorias que se inserem nos trabalhos de Velho justamente na interseção entre processos mais

“objetivos” e outros mais “subjetivos”, em diálogo com a dialética proposta por Simmel entre cultura objetiva e cultura subjetiva. Para além do *habitus* sugerido por Bourdieu, Velho insiste em enfatizar a dimensão consciente dos projetos elaborados em relação a *campos de possibilidades* múltiplos.

A influência de uma segunda geração da Escola de Chicago, principalmente por meio das reflexões de Everett Hughes e Howard Becker, incluindo processos educacionais e treinamento em carreiras profissionais, faz com que Velho lide com a questão das identidades profissionais, mas também dê conta de processos de mobilidade social, que sempre o interessaram. As camadas médias urbanas retornam, portanto, como ambiente onde se acentuam diferentes tipos de individualismo, mas onde também se configuram *projetos* que articulam trânsitos entre diferentes *mundos sociais*, *províncias de significados*, *níveis de adesão* ou *commitment*, nos termos de Becker (2008), e diferentes potenciais de *metamorfose* e *mediação*.

DA “HERANÇA” DIPLOMÁTICA À EXPANSÃO URBANA

A consciência e a valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução

de projetos. Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessas trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos (VELHO, 1994, p. 101).

O texto acima dava início ao último capítulo de minha dissertação de graduação, defendida no Departamento de Antropologia da UnB em janeiro de 1997, sob a orientação do professor Luiz Tarlei de Aragão. A dissertação, intitulada *Filho de diplomata: um estudo antropológico sobre a construção e manutenção de uma identidade “quase” fragmentada*, consistia um passo decisivo em meu projeto de me tornar uma antropóloga.

Ressignificando, através de um exercício de distanciamento antropológico, uma identidade atribuída, pude começar a construir um outro sentido de *self*, adquirido, profissional. *Individualismo e cultura* e *Projeto e metamorfose* foram livros que me “salvaram” quando, ao realizar minha primeira pesquisa antropológica, deparei com o desafio de escrever sobre a formação de identidades¹⁴ por parte de sujeitos jovens, em transição para

14 Era o termo que usava na época. Hoje talvez utilizasse outros termos, como “sentidos de *self*” ou “processos de subjetivação”.

a vida adulta, mas que compartilhavam documentos de identificação vermelhos, experiências de múltiplas residências no “exterior” e noções de interioridades subjetivas “profundas”, informadas em larga medida por experiências e valores vinculados à psicanálise. Os escritos de Gilberto Velho me trouxeram o alento de ver uma Antropologia intimista, de realidades próximas, mas nem sempre familiares, ou familiares, mas em larga medida desconhecidas. Me mostraram a possibilidade de olhar-me no espelho antropológicamente e que, para além de um hedonismo autocentrado estéril, era possível estranhar, problematizar e, principalmente, libertar-me de classificações estáticas e definições permanentes. Seus escritos claros, bem articulados e sintéticos me ofereciam instrumentos para estranhar e compreender um universo familiar, mas em larga medida até então desconhecido e confuso.

Ao entrar no mestrado do Museu Nacional em 1997, procurei o professor Gilberto e lhe entreguei uma cópia de minha monografia. Este agradeceu e marcou uma reunião para a semana seguinte. No dia e hora marcada estava lá, havia lido as cento e vinte páginas do trabalho, que me entregou cheio de anotações e perguntou: você quer que eu seja seu orientador? Aceitei sua proposta e iniciamos uma interlocução que perdurou até sua partida.

O campo escolhido para a pesquisa de mestrado foi o Instituto Rio Branco, órgão do Ministério das Relações Exteriores responsável pela formação obrigatória de todos os membros da Carreira de Diplomata do Serviço Exterior brasileiro. Gilberto mantinha grande interesse pela formação do estado brasileiro. Já havia orientado uma dissertação sobre a formação de outra “carreira especial de estado”, o trabalho de Celso Castro sobre a Academia Militar das Agulhas Negras (CASTRO, 1990). Filho de oficial militar com profundos investimentos intelectuais, o antropólogo nutria interesse pela história nacional e acreditava na existência de uma certa unidade cultural em meio à diversidade e fragmentação encontradas nos centros urbanos e em sociedades complexas de forma mais geral. A influência de uma certa linhagem da Escola de Chicago que passava por Park, Everett-Hughes e Howard S. Becker, bem como a admiração pelos escritos de George H. Mead e o diálogo com Goffman, Bourdieu e Norbert Elias também o familiarizaram com uma Sociologia das profissões, carreiras e organizações. A noção de uma socialização adulta e adesão a grupos definidos por hierarquias profissionais e fortes *ethos* corporativos o fascinava em sua tensão com projetos mais ou menos individualizantes de mobilidade social. As camadas médias também se caracterizavam pela possibilidade da educação como meio de acesso a posições

sociais almeçadas e as carreiras públicas, com recrutamento por meio de concurso, configuravam interessantes combinações entre vetores holistas e individualistas na sociedade brasileira.

Para além dos interesses acadêmicos, Gilberto também tinha interesses pessoais em minhas pesquisas relacionadas à diplomacia brasileira: mantinha amizades com diversas pessoas vinculadas à carreira de diplomata, algumas amigas desde a infância, quando estudou no colégio de aplicação da UFRJ. Algumas, inclusive, faziam parte da rede “intelectual-artístico-boêmia” etnografada em *Nobres e anjos*. Jamais soube os nomes dos diplomatas que fizeram parte daquela pesquisa, cujo sigilo das identidades foi tão importante, mas sabia que navegávamos em redes que se entrecruzavam. Gilberto havia entendido a noção de *profundidade subjetiva*, tão cara entre os segmentos mais artísticos do mundo da diplomacia e entre os filhos de diplomata que entrevistei para minha monografia de graduação. Estava em seus escritos sobre a psicologização de segmentos das camadas médias.

Após as pesquisas com diferentes gerações vinculadas à Casa de Rio Branco, mergulhei na Antropologia Urbana. Durante a primeira década do século XXI meus diálogos com Gilberto Velho se concentraram nas discussões sobre novos empreendimentos imobiliários,

planejamento urbano, ideais de qualidade de vida, fronteiras e ansiedade de status entre diferentes segmentos das camadas médias urbanas. Minhas pesquisas em Goiânia e Brasília o faziam lembrar de suas reflexões sobre os edifícios de conjugados em Copacabana. Eram outras utopias, mas alguns processos eram muito semelhantes, como as reuniões de condomínio, estigmatização de alguns vizinhos com comportamentos “desviantes” (PATRIOTA DE MOURA, 2010; 2011; 2012).

Outra forte preocupação que aparece nos trabalhos de Velho na virada do século é a questão da violência urbana e do medo. Sua perspectiva em relação a esse tema era menos distanciada do que em outros trabalhos. Não partia de exercícios de reflexão etnográfica em um campo definido especificamente no âmbito de um projeto de pesquisa. Gilberto escrevia, principalmente, como um cidadão preocupado com o mundo a sua volta. Como sua perspectiva era a de um membro das “camadas médias urbanas” moradoras da Zona Sul carioca, ele entrevistava, principalmente, o medo justificado pelo aumento da violência e percebia as camadas médias como principais vítimas de uma violência compreendida, principalmente, como produto de determinadas formas de individualismo que engendram projetos frustrados em uma sociedade altamente desigual, que já não percebe hierarquias históricas como legítimas. Esse processo, que ele tam-

bém chamou de *desmapeamento*, se acirrava em um contexto político de falência das instituições de estado em gerar segurança e confiança (VELHO; ALVITO, 1996; VELHO, 2008).

Pouco dialoguei com os escritos de Gilberto Velho sobre a questão da violência. Não estava particularmente interessada em perceber as camadas médias como vítimas ou com o aumento da violência na Zona Sul do Rio de Janeiro. Os artigos que escrevi sobre processos de fortificação e discussões sobre o medo se vinculavam mais à discussão sobre *empreendedores morais* trabalhada em *Desvio e divergência* (VELHO, 1999), em diálogo com *Outsiders* de Becker (2008). Não obstante, quando organizei o seminário Medo: Perspectivas Urbanas, em 2007, juntamente com Antonádia Borges e Lia Zanotta Machado, convidamos Gilberto Velho a participar. Ele não pôde ir ao evento na UnB, mas nos agradeceu com um artigo recentemente publicado (VELHO, 2014).

A troca acadêmica com Gilberto Velho perdurou após a defesa de minha tese de doutorado. Além do artigo sobre o medo, nos encontramos muitas vezes na AN-POCS, onde ele foi debatedor no GT Dimensões do Urbano, que coordenei com Mariana Cavalcanti. Ainda tive o privilégio de colaborar com um artigo para o número da *Vibrant* sobre Antropologia Urbana, organizado por Gilberto Velho e Karina Kuschnir. Gilberto ainda escre-

veu a apresentação ao meu livro *Condomínios no Brasil Central* (2013), poucos meses antes de falecer.

Durante nossa última viagem juntos a Caxambu, no táxi que Gilberto contratava todos os anos, conversamos sobre meu nascente interesse pela China e as novas cidades que surgiam em processos de mudança avassaladora. Gilberto não se interessou muito, disse que estava mais interessado em historiadores da Grécia Antiga. Não chegamos a discutir meu projeto de pós-doutorado.

À VOLTA AO MUNDO: TRAJETÓRIAS DA INTERNACIONALIZAÇÃO CHINESA

O interesse pelo tema da expansão urbana, em conjunto com o gosto pelo estudo de línguas e o desejo de ampliar horizontes de pesquisa, me levou a iniciar um novo percurso investigativo. O ponto de partida para o projeto de pesquisa foi o contato com o livro de Li Zhang, *In search of paradise: middle class living in a Chinese metropolis* (ZHANG, 2010). O livro descreve e analisa processos de *especialização de classe* na cidade de Kunming, no sudoeste da China, trazendo um relato etnográfico multissituado da constituição de uma nova e ainda instável “classe média” chinesa, cujos hábitos de consumo e a moradia em novos espaços urbanos produzidos segundo modelos de habitação ocidentais são

os principais traços distintivos. Zhang discorre sobre a preferência de utilização do termo *zhongchan jieceng* (camada, nível ou extrato médio) em oposição a *zhongchan jieji* (classe média) por motivo do derradeiro ter sido exaustivamente utilizado ao longo da era maoísta (1949-1976). Falar em classe (*jieji*), na recente história chinesa, acarretava necessariamente a noção de luta e antagonismo, desde a revolução que instituiu a República Popular da China em 1949 até a Revolução Cultural das décadas de 1960 e 70. Ademais, o uso revolucionário do termo classe se baseava na premissa do antagonismo de classes polarizadas, onde a “média” pouco interessava como sujeito histórico.

O livro de Li Zhang sobre os novos bairros da “camada média” chinesa traz à tona a agência de um novo segmento social que surge como sujeito coletivo no contexto das enormes transformações em andamento na constituição da maior economia de mercado jamais vista na história. O *paraíso* de Zhang tem muito em comum com a *utopia* de Velho: novos espaços na cidade em transformação que abrigam segmentos em processos de “modernização”, vinculados à aquisição de novos hábitos de consumo, estilos de vida, visões de mundo e, inclusive, noções de subjetividade e formas de participação política. Os novos bairros de classe média de Kunming também têm muito em comum com os condomí-

nios onde realizei pesquisas em Brasília e Goiânia: áreas residenciais muradas, com múltiplas residências, produzidas como empreendimentos imobiliários privados com serviços (também privados) de manutenção, lazer e segurança (PATRIOTA DE MOURA, 2012).

A globalização de ideais urbanos singularizados em composições locais voltadas para o consumo de membros das camadas médias foi o que me permitiu encontrar o primeiro ponto de diálogo com a China contemporânea (PATRIOTA DE MOURA, 2013). Chegando à Universidade da Califórnia Davis (UCD) para trabalhar em colaboração com Li Zhang¹⁵, encontrei uma universidade com enorme número de estudantes internacionais provenientes da República Popular da China e decidi estudar os *projetos* e *trajetórias* desses estudantes que fazem parte de um processo de crescente internacionalização de membros das camadas médias e altas chinesas. A China é, atualmente, o país que mais envia estudantes internacionais às universidades dos Estados Unidos e de outros países como Japão, Austrália, Inglaterra e Irlanda (Cf. FONG, 2011; KIPNISS, 2011).

15 Trata-se da pesquisa *Expansão urbana e transformações subjetivas na china contemporânea*, realizada com apoio da CAPES em forma de Bolsa de Estágio Sênior.

Há uma profusão de estudos que focam em diferentes gerações de migrantes chineses¹⁶. Não obstante, os estudos têm se concentrado em trabalhadores pouco qualificados ou comerciantes e suas redes de relações. A cidade de São Francisco, a pouco mais de 100 quilômetros de distância, tem a *Chinatown* mais antiga dos EUA e a maior do mundo não asiático¹⁷. A UCD tem 39% de estudantes classificados como etnicamente asiáticos, dos quais a grande maioria poderia ser classificada segundo alguma categoria “chinesa”¹⁸. Apesar de Hong Kong ser atualmente parte da República Popular da China e da autonomia de Taiwan não ser reconhecida plenamente pela República Popular da China, há uma clara especificidade de chineses socializados na China continental (*mainland China*) sob a égide do Partido Comunista Chinês.

A pesquisa incluiu entrevistas em língua inglesa com 39 estudantes em nível de graduação e pós-graduação, cujo conteúdo ainda se encontra em fase de análise. São pessoas provenientes de diversas partes da República

16 O livro de Vanessa Fong traz uma boa bibliografia a esse respeito (FONG, 2011).

17 Conforme <<http://www.sanfranciscochinatown.com/history/index.html>>. Consultado em 31/05/2015.

18 Trata-se, por exemplo, de descendentes de migrantes chineses nascidos no EUA apelidados de “ABC” – *American-born Chinese*, chineses provenientes de Taiwan ou Hong Kong.

Popular da China, falantes de diferentes línguas e dialetos. Tiveram, não obstante, a totalidade de suas experiências escolares anteriores ministradas na língua geral oficial chinesa, o *Putonghua*¹⁹. Há uma série de coincidências nas trajetórias desses estudantes bem como diversos pontos comuns na formulação de seus projetos. A grande maioria se reconhece como parte de uma “*middle class*”, apesar de muitos não saberem definir essa categoria. São, com raras exceções, os primeiros em sua linha de descendência a estudarem fora da China e têm projetos profissionais voltados a um contexto de fluxos globais, onde origem (China) e destino atual (EUA) são percebidos menos como pontos em uma linha reta e mais como passagens em um movimento de circulação transnacional com ambições globais.

Não obstante os acentuados contrastes com o contexto de pesquisa descrito no início desta narrativa e o distanciamento geográfico e cultural óbvio entre as camadas médias de Copacabana e os estudantes chineses nos EUA, permanece a sensação de que o diálogo com Gilberto Velho continua um dos fios norteadores de minhas formulações de pesquisa. Voltamos ao mundo dos *projetos* e *trajetórias*, das experiências geracionais,

19 O *putonghua* equivale ao que em língua portuguesa e inglesa tem se convencido chamar de mandarim. Essa denominação, no entanto, não é utilizada na China.

dos processos de mudança social e da complexidade da emergência de subjetividades em meio a *campos de possibilidades* socialmente constituídos.

Por um lado, iniciei minhas pesquisas com filhos de diplomatas na esperança de situar suas trajetórias internacionais e projetos identitários “[...] ao nível da experiência particular de setores das camadas médias brasileiras” (VELHO, 1987, p. 106). As pesquisas no Instituto Rio Branco e nos condomínios em Brasília e Goiânia, por sua vez, procuraram compreender processos de territorialização e demarcação de fronteiras físicas e culturais com ênfase em processos de diferenciação de status e estabelecimento de estilos de vida específicos. A circulação de estudantes de nível superior provenientes do país com a maior população do planeta procura refletir sobre a complexidade de dinâmicas que envolvem projetos em múltiplas escalas, desde a escala das trajetórias biográficas até a possibilidade de constituição de novas hegemônias em escala mundial. O sociólogo Giovanni Arrighi levou Adam Smith a Pequim para discutir a economia de mercado chinesa e seu papel na constituição de uma nova ordem mundial do século XXI (ARRIGHI, 2008). O diálogo com a Antropologia de Gilberto Velho para pensar as trajetórias de alguns dos sujeitos que compõem as redes cada vez mais chinesas da complexidade transnacional contemporânea pode ser um bom caminho para

também ampliar as redes de uma Antropologia transnacional “com características brasileiras”.

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovani. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2008.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de Sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Condição de classe e posição de classe. In: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CASTRO, Celso. *O espírito militar: um estudo de Antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Gilberto Velho (1945-2012): um virtuoso no burburinho das cidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 27, n. 79, jun. 2012.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FONG, Vanessa L. *Only Hope: coming of age under China's one-child policy*. Stanford: Stanford University Press, 2004.

FONG, Vanessa L. *Paradise Redefined: transnational Chinese students and the quest for flexible citizenship in the developed world*. Stanford: Stanford University Press, 2011.

GOODMAN, David S. G. *Class in contemporary China*. Oxford: Polity Press, 2014.

HEIMAN, Rachel; FREEMAN, Carla; LIECHTY, Mark (Org.). *The Global Middle Classes: theorizing through Ethnography*. Santa Fe: School of Advanced Research Press, 2012.

HANNERZ, Ulf. *Exploring the city: inquiries toward an urban anthropology*. New York: Columbia University Press, 1980.

KIPNISS, Andrew B. *Governing educational desire: culture, politics and schooling in China*. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.

MILLS, C Wright. *White collar: the American middle classes*. New York: Oxford University Press, 1951.

O'DONNELL, Julia. Caminhos de uma Antropologia Urbana: trajetória e projeto nos primeiros escritos de Gilberto Velho. *Anuário Antropológico 2012 II*, p. 37-51, dez. 2013.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina. *O Instituto Rio Branco e a diplomacia brasileira: um estudo de carreira e socialização*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina. Condomínios e gated communities: por uma Antropologia das novas composições urbanas. *Anuário Antropológico 2009 II*, p. 209-232, 2010.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina. Pioneers and entrepreneurs: bio/ethnographic notes towards an anthropology of urban growth. *Vibrant, Virtual Brazilian Anthropology*, v. 8, n. 2, p. 502-528, dec. 2011.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina. *Condomínios no Brasil Central: expansão urbana e Antropologia*. Brasília: Letras Livres; Editora UnB, 2012.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina. O “velho” hukou na “nova” China urbana: reflexões sobre uma dualidade contemporânea. *Anuário Antropológico 2012 II*, v. 38, n. 2, p. 255-245, 2013.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. VELHO, Otávio (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987 [1916]. p. 26-67.

SALEM, Tânia. Família em camadas médias: uma perspectiva antropológica. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 25-39, 1º sem. 1986.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia das sociedades contemporâneas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo sobre tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

VELHO, Gilberto. Estigma e comportamento desviante em Copacabana. In: VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. A respeito da Escola de Chicago. In: VALADARES, Lícia (Org.). *A Escola de Chicago*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

VELHO, Gilberto. *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. *Mana*, v. 17, n. 1, abril 2011.

VELHO, Gilberto. Medo, insegurança e violência. MACHADO, Lia Zanotta; BORGES, Antonádia; PATRIOTA DE MOURA, Cristina (Org.). *A cidade e o medo*. Brasília: Verbena; Francis, 2014.

VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos. (Org.). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

VELHO, Gilberto; MAGGIE, Yvone. O Barata Ribeiro 200. *Anuário Antropológico 2012 II*, p. 19-36, dez. 2013.

VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso. Apresentação. In: VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (Org.). *Gilberto Velho: um antropólogo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora UnB, 1972.

WIRTH, Louis. (1938). O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 90-113.

ZHANG, Li. *In search of paradise: middle-class living in a Chinese metropolis*. Ithaca: Cornell University Press, 2010.